



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

HELENA ALVES D'AZEVEDO

(depoimento)

2005

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-79

Entrevistado: Helena Alves D'Azevedo

Nascimento: Não informado

Local da entrevista: ESEF/UFRGS – Porto Alegre/RS

Entrevistadores: Luanda Dutra

Data da entrevista: 26/09/2005

Transcrição: Thayane R. Gonçalves / Letícia B. Moraes

Conferência Fidelidade: Letícia B. Moraes

Copidesque: Marco de Carvalho

Pesquisa: Marco de Carvalho

Fitas: (01 fita) 79/01-A e 79/01-B

Total de gravação: 45 minutos

Páginas Digitadas: 20

Catálogo: Vera Maria Sperangio Rangel

Número de registro: 02100/2009/01

Nº da fita: 02100/2009/01

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

D'AZEVEDO, Helena Alves. *Helena D'Azevedo (depoimento, 2005)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2009.

Sumário

Início do envolvimento com a natação; escolha pela Educação Física; período como aluna da ESEF: envolvimento com o Diretório Acadêmico, relação dos professores com os alunos, disciplinas que fez, separação das disciplinas práticas por sexo, aulas de natação, formatura; período como professora da ESEF: projeto de extensão, departamentos, envolvimento com a dança, com o Centro Olímpico; transformação dos projetos de extensão; momentos marcantes como aluna e como professora.

Porto Alegre, 26 de setembro de 2005. Entrevista com Helena Alves D’Azevedo, a cargo de pesquisadora Luanda Dutra, para o Projeto ESEF 65 anos do Centro de Memória do Esporte.

L.D. – Helena, nós queremos conversar, como foi teu primeiro contato com Educação Física?

H.A. – Bom, na verdade o primeiro contato com a Educação Física foi à época bem remota na infância quando, por ter pai atleta, eu fui colocada no esporte sem ter muita certeza que queria ser uma atleta. Eu tinha na época acho que nove anos, oito para nove anos e comecei a treinar natação. Não fui aprender natação, fui treinar natação no Grêmio Náutico Gaúcho¹, já na equipe que, no final do ano, iria fazer a parte de competição. Porque as competições de natação, nessa época, 1968, elas eram sempre em novembro e dezembro, por causa do clima da cidade. Então nós entramos, eu acho que foi em junho, e aprendemos a nadar o estilo que nós iríamos competir. Na verdade eu direto aprendi a nadar costas, porque o meu papel, na equipe de petizes, era nadar a prova de costas e o costas no revezamento.

L.D. – Quando é que escolheste a Educação Física?

H.A. – *Ah*, isso foi uma conversa da vida toda, porque, como passei a vida inteira sendo atleta e o colégio onde estudava também valorizava muito isso. Eu, além da natação no Gaúcho, no colégio jogava voleibol com o Bruxo², o famoso Bruxo, professor Rubem. Não me lembro sobrenome do Bruxo é, [Rubem Mediz]³. Não, é Falcão. Não é Falcão? Não me lembro o sobrenome. Ele incentivava muito o esporte de competição, também no colégio. E, como o Colégio *Sévigné* era um colégio de irmãs francesas, nós tínhamos aula turno integral. Então, no turno inverso, eram outras atividades, tinha muito esporte, era *muito* valorizado o esporte. Nós conseguimos assim, ao longo de todo tempo, de pequena, sempre participar de esportes coletivos e individual. Esporte coletivo era o escolar e esporte individual de clube. Então, na verdade, nunca tive nenhuma outra impressão que fosse fazer uma carreira que não fosse na área da Educação Física.

¹ Fundado em 1928

² Nome sujeito a confirmação

L.D. – E como foi teu vestibular? Qual ano tu entraste?

H.A. – Eu fiz vestibular em 1976. Veja bem, acabei de dizer que nunca pensei em outras coisas que não fosse a Educação Física e eu fiz vestibular para Jornalismo [risos]. Mas a razão era muito simples: meu pai e minha mãe eram trabalhadores dessa área, num mundo novo nessa área. Meu pai foi o primeiro cibernético, primeira pessoa que estudava essa área da cibernética na comunicação e era professor da Faculdade de Arquitetura da UFRGS⁴ e minha mãe era professora na Faculdade de Jornalismo. Então, na verdade, eu fui fazer jornalismo e meu irmão mais velho também, porque nós... Ele fez Jornalismo para fazer Jornalismo Esportivo. Eu acho que foi assim, uma questão mais ou menos essa, e, logo em seguida, no ano seguinte, fiz vestibular para Educação Física e fiz Jornalismo, se não me engano, por dois anos. Quando era para fazer ênfase, a especialização, porque, na época, Jornalismo era ou Jornalismo, ou Publicidade e Propaganda, ou Relações públicas no último ano. Então optei por não continuar, porque Educação Física, já trabalhava na área, era monitora no curso. Fui monitora do curso desde o segundo semestre de faculdade, fiquei muito engajada. Eu era vice-presidente do Diretório Acadêmico. Então não havia mais tempo para outra coisa.

L.D. – Tu fez aquelas provas práticas?

H.A. – *Não*, em 1977, não havia provas práticas. Elas existiram em determinada época e depois pararam. Na minha época de vestibular 1976, 1977, 1978, 1979 não havia provas práticas. Depois 1980, 1981, se não me engano, já começaram as provas práticas de novo.

L.D. – Então não fizeste?

H.A. – *Não!*

L.D. – Já era vestibular unificado?

³ Uma terceira pessoa cita o nome

⁴ Universidade Federal do Rio Grande do Sul

H.A. – Já era o vestibular unificado e tinha o Ciclo Básico Obrigatório que eram três disciplinas: Introdução à Sociologia, Redação Técnica, e EPB, Estudos de Problemas Brasileiros. Todos os alunos que passavam na UFRGS tinham que fazer isso naquele prédio onde é o Básico, que se chama até hoje de Básico, que fica a Psicologia. Nós tínhamos aula com gente de todos os cursos.

L.D. – E como foi essa tua passagem como aluna aqui? O que tu te lembras da relação entre os alunos?

H.A. – Era uma época *muito* divertida. A ESEF⁵ fazia, às vezes, de primeira casa e não de segunda. No meu caso eu morava na Zona Sul. Então eu vinha de manhã para o primeiro horário de aula e ficava o dia inteiro aqui. Fazia parte do nosso trabalho aqui dentro, *todo* mundo, todo tempo. Não é como hoje que a gente vê que tem colegas de uma disciplina, colegas de outra. Nós nos matriculávamos todos nas mesmas disciplinas, nós éramos colegas ao longo do curso. E, nesses horários, que seriam os horários de almoço e de fim de tarde, nós ficávamos tocando violão na grama e conversando. Por isso o grupo era muito forte. Aconteceram muitos casamentos, muitos namoros nessa época. E eu acredito que em função disso.

L.D. – Quando foi que te envolveste com Diretório Acadêmico?

H.A. – Foi no segundo ano de faculdade, porque, como eu era atleta... Eu entrei em 1977, e já em 1977 eu participei de Jogos Escolares, Jogos Universitários Gaúchos, Jogos Universitários Brasileiro e Jogos Universitários de Educação Física. Então tinha três níveis de evento em outros campus que não eram UFRGS e nós tínhamos que nos organizar de alguma forma para esses jogos. Havia muitas competições e essas equipes eram equipes que a gente reunia. Como eu era ex-nadadora, a equipe de natação, desde quando eu nadei em 1977 - que teve o JUGE⁶, que foi em Porto Alegre - eu já fiquei responsável por ela, apesar de ser bixo. Foi em setembro de 1977, eu era do segundo semestre. Eu conhecia o pessoal da natação e os demais do grupo não. Então, a partir de

⁵ Escola de Educação Física

⁶ Jogos Universitários Gaúchos de Educação Física

1978, era eu que organizava a natação. Em 1978 teve o JUB's⁷ em Santa Maria⁸, eu era a chefe da delegação feminina, porque eu que organizei toda a natação.

L.D. – Os professores interferiam nisso?

H.A. – Eles eram técnicos. Era muito bacana porque eles se envolviam. Então, por exemplo, a nossa equipe de natação, quem treinava era o “peixinho”⁹. Ele marcava horários de treino, a equipe vinha de toda UFRGS treinar naquele horário que ele tinha marcado. O treinador da equipe de basquete, da qual eu também fazia parte, era o Adroaldo¹⁰. Nos treinava no ginásio, marcava hora para treinos para gente participar dos jogos. Não fazia parte das aulas, eram treinos. O treinador de voleibol era o “carioca”¹¹. Então, na verdade, os professores se envolviam também com isso fora do seu horário de aula. Não era extensão, mas *já* era extensão.

L.D. – A relação entre professores e alunos, era muito distante ou era próxima que nem é hoje?

H.A. – *Não*. Era muito distante sim, havia todo um... Os professores estavam em outro nível. Talvez pela forma de educação, talvez até pela conduta que eles tinham. Eles eram muito mais rígidos do que se é hoje. Por exemplo, um grande amigo, professor Alduino Zílio que foi meu professor e depois meu colega de Departamento, ele era de uma rigidez absurda. Ele dava a disciplina de Ginástica I, que era... O que seria hoje a Ginástica Básica e ele, *antes* de fazer a chamada para iniciar, ele olhava se o aluno estava uniformizado. Uniformizado era uniforme completo. Nós tínhamos uniforme e os professores também. E o uniformizado era meia branca. Se a meia tinha listinha ele mandava embora da aula. E, na época, isso era muito preservado, não havia o aluno que chegava atrasado na aula e entrava, não havia o aluno que saía antes. Mas talvez pela forma de educação da época.

⁷ Jogos Universitários Brasileiros

⁸ Cidade do Estado do Rio Grande do Sul

⁹ Jayme Werner dos Reis, conhecido como “peixinho”

¹⁰ Adroaldo Cezar Araujo Gaya

¹¹ Paulo Gilberto de Oliveira, conhecido como “carioca”

L.D. – A relação do Diretório Acadêmico com esses professores e com a direção era tranqüila?

H.A. – *Não!* Não era nada tranqüila. Por causa desse JUB's de Santa Maria, nós fomos - na época o Conselho de Unidade chamava-se de Congregação - e nós fomos... Um professor, Mário César Cassel que era do atletismo, ele levou à Congregação um pedido de suspensão nossa como alunos, pela nossa atitude como organizadores da delegação da UFRGS no JURGS de Santa Maria. E a nossa sorte, na época, foi que alguns dos professores acharam muito pesado que nós fôssemos punidos como alunos, por tomar atitudes como chefe de delegação, senão nós teríamos sido punidos, sim!

L.D. – Quais eram as cadeiras que tu lembras que eram muito difíceis?

H.A. – Na verdade as cadeiras que eram muito difíceis, as cadeiras da natação. As quatro cadeiras de natação eram muito difíceis.

L.D. – Então eram quatro?

H.A. – Eram quatro cadeiras de natação: Natação I que avaliava o “*crawl*”, costas e nados utilitários; Natação II era peito moderno, o peito clássico, borboleta clássico e o nado submerso, a natação subaquática. Então tinha equipamento, “snorkel”, máscara, pé-de-pato para *todos* os alunos inscritos na disciplina. Era material do curso. Na época, era um material muito bom da marca italiana “Cressi” que deve ter se perdido por deteriorado, porque nunca mais vi. A Natação IV trabalhava com saltos ornamentais, treinamento em natação, pólo aquático, primeiros socorros e cuidados em afogamentos. Isso era tudo informações que agente tinha só na disciplina de Natação. Era uma disciplina muito forte, muito difícil, se treinava muito. No meu caso não era! Mas muita reprovação, *muitos* alunos reprovados, alunos que faziam seis vezes a disciplina, alunos que faziam quatro vezes. *Muito* comum. *Muito* difícil.

L.D. – As práticas eram todas obrigatórias?

H.A. – Todas obrigatórias e sequenciais.

L.D. – Se não passasse numa?

H.A. – Não passou na Natação I, não faz a Natação II. Não passou na Natação II, não faz a Natação III.

L.D. – E não se formava então, caso não pudesse fazer natação?

H.A. – *Não*, não tinham essas escolhas. Era semestralizado e era obrigatório. Havia disciplinas que não eram obrigatórias, porque havia discriminação por gênero. Então tinham disciplinas que eram femininas e disciplinas que eram masculinas.

L.D. – Quais eram as femininas?

H.A. – Disciplinas femininas eram, por exemplo, GRD, a Ginástica Rítmica Desportiva era feminina e, na Rítmica Dança de hoje, que era a disciplina que a professora Morgada Cunha¹² dava, era obrigatória para os meninos, mas era só eles matriculados. Havia a dança para os meninos e a dança para as meninas. Então era muito engraçado, porque, mesmo a parte de folclore, eles tinham que fazer parte. A prenda e o peão eram dois guris dançando. Eles já tinham dificuldade de dançar, imagina dançar de mão com outro colega, mas eles se divertiam muito, porque eram só homens. [telefone toca]. E, por exemplo, Esgrima, Esgrima II que, nós tínhamos, não era oferecida para mulheres. Remo não era oferecida para mulheres, Futebol de Salão que agora é o Futsal não era oferecida para mulheres e Futebol, se não me engano, nós tínhamos. Mas era uma cadeira teórica, não tinha nada de prática.

L.D. – Ai, que coisa sem graça!

H.A. – E engraçado que eu, como eu podia ter me formado em 1979, em dezembro de 1979, mas na época eu não tinha interesse em me formar, porque eu era monitora, eu gostava do que estava fazendo, tinha muitas coisas ainda para terminar. Conversei com o pessoal, com os professores da época, o Dérick¹³, o Carioca e o Pexinho que, eram da

¹² Morgada Assumpção Cunha

¹³ Derick Oscar Ely

Natação, e eles me aconselharam que eu ficasse mais um semestre que realmente valeria a pena. Então me matriculei em Futebol de Salão, Esgrima II e Remo que eram as únicas coisas que eu não tinha feito, porque eram cadeiras masculinas e o computador não fazia essa discriminação de gênero e eu fiquei matriculada. Foi um grande problema no curso, até assim de olho, o pessoal com olho atravessado. Porque eu não cursei o Futebol de Salão, porque o professor Ribeiro¹⁴, até já é falecido, absolutamente não conseguia achar como é que eu poderia fazer só com rapazes. Mas, a Esgrima II, o professor Pandolfo¹⁵ me deixou. Era um Coronel do Exército, um velhinho muito querido, me deixou fazer Esgrima II, mas eu só podia fazer a luta com o monitor. Eu não podia fazer com colegas.

L.D. – Para não te machucar!

H.A. – Para mim não correr riscos. E o Remo eu fiz com o professor Schulz¹⁶. Ele também me deixou fazer, desde que eu só remasse o “canóia”. Eu não podia remar o “gig” que é quatro, porque eram rapazes. Então o “canóia”, como é uma pessoa só, eu podia remar. Eu remava sozinha.

L.D. – Eram separadas as práticas?

H.A. – Eram separadas as práticas. Bem separado. E não havia, por exemplo, a possibilidade... Voleibol I meu, era mulheres. Voleibol 1 do Balbinotti¹⁷ era de homens. Não havia mulheres fazendo vôlei com homens, mulheres fazendo basquete com homens. Turmas de meninas e turmas masculinas.

L.D. – Só as teóricas que eram mistas no caso?

H.A. – As teóricas eram mistas. Os professores também, por exemplo, no vôlei, quem dava vôlei para as mulheres era uma mulher. Quem dava vôlei para os homens era um homem, um professor homem. Quem dava basquete para as mulheres era uma mulher; quem dava basquete para os homens era um professor homem. A professora Diva

¹⁴ Antonio Carlos Becker Mendes Ribeiro

¹⁵ Coronel Carlos Pandolfo

¹⁶ Roberto Schulz

¹⁷ Carlos Adelar Abaide Balbinotti

Santiago¹⁸ dava basquete para as mulheres e o professor Heron Reinz¹⁹ dava basquete para os homens. Quando eu entrei, foi exatamente nessa época. A minha época foi bem uma época de transição, que entrou para a aula de basquete o professor Adroaldo e eu tive basquete com ele. Foi meu primeiro professor *homem* de prática. As aulas práticas... E a natação, os três professores eram homens. Mas eles raramente entravam na água e, as raias de treinamento, eram bem divididinhas para não haver confusão.

L.D. – As aulas de natação eram aqui?

H.A. – Havia uma piscina bem aqui na frente hoje onde é a sala do PET²⁰. Embaixo daquela árvore ali havia uma piscina muito bem construída, piscina funda, os lados dela eram degraus de um metro e meio até o fundo e o outro lado parede. Então a aprendizagem era muito fácil. Foi o primeiro lugar onde eu trabalhei com natação infantil. A minha primeira turma de natação infantil foi nesse - que a gente chamava ‘tanque’ - foi nesse tanque que era cercado de telas, onde a gente trabalhava dentro da tela com o portão fechado. As pessoas podiam assistir, mas não podiam entrar. E eu trabalhei com uma turma de alunos, filhos dos professores.

L.D. - E ela era gelada no inverno?

H.A. – Ela era sim. Mas aí se fazia assim: se começava em setembro as práticas e ia até abril, maio e depois parava e faziam-se as aulas teóricas. Então o primeiro semestre começava com prática e terminava com teórica e o segundo semestre começava com teórica e terminava com prática.

L.D. – E como foi tua formatura? Em que ano foi?

H.A. – A minha formatura foi no primeiro semestre de 1980. Eu vou fazer, neste ano, bodas de prata de formatura e a Associação de ex-alunos vai fazer uma homenagem na Reitoria e eu sou, provavelmente, a oradora da turma dos 25 anos. Eles já me avisaram.

¹⁸ Diva Santiago Corrêa

¹⁹ Nome sujeito a confirmação

²⁰ Programa de Educação Tutorial

Eu fiquei meio sem-graça, mas total, que remete. [riso] Eu vou ter que falar pelo meu grupo de colegas provavelmente.

L.D. – E quantos são? Tu se lembra? Era uma turma grande?

H.A. – *Muito* grande. As nossas turmas entravam cem alunos e saíam em torno de 75, 80 por semestre. Eram sempre turmas grandes. Não ficava gente como fica hoje. E também não se formavam em menos de quatro anos. Se formavam em quatro anos. Eu, por exemplo, tive a oportunidade de me formar antes, não me formei porque não quis.

L.D. – E depois quando é que tu entrou como professora?

H.A. – Eu continuei... Porque, quando nessa época que eu trabalhava como monitora, acho que a gente montou esse primeiro projeto de extensão com os filhos dos professores. A idéia foi se amadurecendo do tipo: “vamos continuar oferecendo para outros que não sejam os colegas”. Porque eu trabalhava com eles fora de horário, porque eu era monitora e com os que tinham mais dificuldade, para que eles tivessem mais tempo para treinar. E a gente propôs ao professor peixinho na época que, era o diretor do Centro Olímpico²¹, e o Centro Olímpico não era vinculado à ESEF. O centro olímpico era vinculado diretamente à PRUNI, Pró-Reitoria de Assistência Universitária²². Então o Peixinho tinha um cargo de confiança da Reitoria em um espaço que era da ESEF, e a gente então montou o projeto de extensão que a gente chamava “Vamos Aprender a Nadar?” - com um ponto de interrogação no final - que a gente oferecia em junho e em janeiro para as pessoas da comunidade universitária que quisessem vir a aprender e dividia entre adultos e crianças e atendia. Eu selecionava os que queriam me ajudar e a gente começou a trabalhar com isso, junto com uma técnica em assuntos educacionais que tinha vindo da Reitoria, que tinha se formado aqui no nosso curso um pouco antes de mim - da turma do Adroaldo, do Ricardo Petersen²³ - a Lizette Dias de Castro Miguens. E ela veio da Reitoria, que ela trabalhava lá na PRUNI. *Quando* se criou a idéia de fazer isso, ela veio para trabalhar com isso.

²¹ Órgão responsável pelo desporto universitário da UFRGS

²² PRUNI significa Pró-Reitoria da Comunidade Universitária

L.D. - Em que ano foi isso?

H.A. – Foi 1978, Julho de 1978. E aí a gente montou esse para os filhos dos professores e já, em janeiro de 1979, para comunidade universitária. E foi assim, *imenso. Muito* grande. Nós selecionamos, trabalhou comigo nesta primeira vez, além da Lizette, *cinco* monitores que a gente selecionou do próprio curso. Cinco monitores e a gente trabalhava o mês inteiro, atendia de segunda a sexta e eles todos aprendiam. E, no ano seguinte, então em julho, nós fizemos de novo e em janeiro nós fizemos de novo. Quer dizer, na verdade, apesar de formada, como eu comecei isso antes de formada eu continuei fazendo depois de formada. Porque isso arrecadava dinheiro via PRUNI que pagava esses professores, esses monitores, entendeu? Então, eu me formei em dezembro de 1980, mas eu continuei trabalhando com o projeto “Vamos Aprender a Nadar?”.

L.D. – Até que ano? Até quando tu começou, quando tu foi professora?

H.A. – Não, eu fiquei, eu acho que uns... Não tenho bem de memória, mas acho que eu fiquei, *no máximo*, uns quatro anos fora da ESEF. Que foi o tempo que eu fui convidada para montar o curso de Educação Física da UNISINOS²⁴. Eu fui a primeira professora de natação da UNISINOS. Então era um novo empreendimento. Eu fui escrever emendas, acertar o curso, fazer exatamente como eu achava correto. Eu era professora da Natação I, da Natação II, da Natação III, da Natação IV. Então, era um projeto que era meu e novo, muito desafiador. Essa época eu estive fora da ESEF. *Logo* que abriu o concurso - eu fiz o concurso para área de ginástica, 1986 eu acho, não tenho bem certeza dessa data, mas eu acredito que 1986 - abriu o concurso para o departamento de ginástica e recreação e para o departamento de desportos, na área de natação. E eu me inscrevi nos dois concursos e, como eu me achava com competência para fazer na área de ginástica, porque era uma área que eu gostava de desenvolver - porque, na Unisinos, eu dava a disciplina de ginástica inicial, que seria a ginástica básica - eu me inscrevi nos dois. E eu passei nos dois concursos. Eu passei no da área da natação e passei no da área da ginástica. Nos dois departamentos. Mas eu não passei em primeiro lugar em nenhum.

²³ Ricardo Demétrio de Souza Petersen

²⁴ Universidade do Vale dos Sinos

Nesse concurso de ginástica quem passou em primeiro lugar foi o Negrini²⁵, em segundo lugar, foi o Pelé²⁶. Em terceiro lugar foi um rapaz chamado Carlos Eurico²⁷, em quarto lugar a Diná²⁸ e, em quinto lugar, Elaine Romero e eu entrei em sexto lugar. Mas aprovada com oito e pouco. Na natação, na mesma época, entrou - só tinha uma vaga - o professor KrueI²⁹, no segundo lugar o professor André Merch, em terceiro lugar a professora Elaine Romero também e, em quarto lugar, eu. O que aconteceu? Tinha três vagas no departamento de ginástica. Então esses três professores iniciais, o Negrini, o Pelé e o Carlos Eurico entraram imediatamente. E o KrueI entrou também imediatamente. Só que o professor Carlos Eurico foi demitido, por alguma razão que eu não sei bem qual era porque eu não estava presente no momento. Eu acho que ele se ausentou por mais tempo ou abandonou, alguma razão, ele foi demitido. E aí chamaram a professora Diná para assumir, que era o quarto lugar. Nessa época, com o concurso em vigor, o professor Saul³⁰ se aposentou, que era da ginástica olímpica, mas era do departamento de ginástica e recreação. Então se pediu que aproveitasse a vaga porque o concurso era válido. Era a Elaine Romero que entraria. Se fez o contato com ela e ela tinha acabado de fazer um doutorado dela na USP³¹ e entrado no D.E.³² em São Carlos³³. Então ela declinou do convite e eu entrei no departamento de ginástica com concurso. E o departamento de desportos só chamou o professor KrueI, nunca mais chamou ninguém na área da natação.

L.D. – E, dentro desses departamentos, que, eram separados, quem é que integrava esses departamentos na tua época? Como era a relação entre os professores?

H.A. – Era assim. O departamento de recreação se compunha de todo o pessoal que trabalhava com uma área das ginásticas. Entendido que, a área das ginásticas, era a área que não era esporte. E o departamento de desportos era responsável pela área da saúde e pelos esportes. Então o departamento de ginástica, quando eu entrei, era o professor

²⁵ Airton da Silva Negrine

²⁶ Jorge Luiz de Souza, conhecido como “péle”

²⁷ Nome sujeito a confirmação

²⁸ Diná Pettenuzzo Santiago

²⁹ Luiz Fernando Martins KrueI

³⁰ Nelson Rubens Saul

³¹ Universidade de São Paulo

³² Dedicacão Exclusiva

Francisco Camargo Neto o chefe do departamento, a professora Marlene Koeche³⁴ era a sub-chefe e nós tínhamos um grupo... Eu tenho fotografia desse grupo inicial, quando eu entrei. Nós nos reuníamos muito. Na verdade, além de professores nas nossas áreas, nós éramos muito amigos. Porque era um departamento... Eu hoje acredito que é por isso: era um departamento mais feminino. Então era um departamento onde as pessoas se davam melhor, procuravam, não vou te dizer que não houvessem discordâncias, que não houvessem brigas, mas procurava, mesmo nas brigas, manter a possibilidade acadêmica de trabalho. Nós éramos muito amigos, nós fazíamos programações sociais do departamento. Momentos que a gente se reunia que não era só para trabalho, que não eram só discussões, que não eram só momentos de crise, claro que acontece na relação de trabalho. Então era um departamento muito gostoso de trabalhar, muito gostoso. Se tu tá entrevistando outros, certamente eles vão te dar esta mesma impressão. Departamento de ginástica e recreação era muito... Trabalhava feliz entende? Brincava muito, conseguia trabalhar bem em conjunto e o departamento de desportos já tinha essa característica de mais discutidor, de mais trabalhar e manter a relação do campo do trabalho e disputas e etc. Havia já, desde aquela época.

L.D. – E a estrutura física da ESEF comportava os dois departamentos? Não tinha briga por espaço? Tinha só esse ginásio aqui não é?

H.A. – Só o ginásio 1. Ela não comportava os dois departamentos. Ela tinha problemas *sérios* de espaço e sempre quem amenizava os problemas era o DGR, com certeza.

L.D. – Que era o Departamento de Ginástica...

H.A. – Era o Departamento de Ginástica e Recreação. Havia brigas muito grandes. Me lembro quando a aluna, uma vez, por causa do ginásio 1, o professor carioca fez uma gritaria no meio de uma aula com o professor Arno Black que era o professor do departamento de ginástica e o professor carioca era do departamento de esportes. Havia uma disputa muito grande. Tinha muito problema de espaço sim. Mas o campo do DGR

³³ Cidade Brasileira

³⁴ Marlene Rodrigues Koeche

parecia mais maleável, mais fácil de se trabalhar. E eu acredito que era por causa da maior visão feminina que ele tinha.

L.D. – Tu te envolveu com algum movimento de greves, de assembléias?

H.A – Quando eu entrei, os professores estavam em greves e, a professora que eu substituí quando eu entrei, foi a professora Morgada Cunha. E para ela poder sair e se aposentar, eu fui apresentada ao departamento e reconhecida no departamento como capaz de assumir a disciplina dela. Ela era uma pessoa muito forte aqui. Pessoa de temperamento forte, pessoa eficiente no que fazia e todos os outros reconheciam isso. Ela não foi uma pessoa que estudou, quer dizer, a parte acadêmico-científica que na época era comum, não era muito trabalhado, mas ela era um talento... A mãe da Adriana Calcanhoto e do Cláudio Calcanhoto que são excelentes artistas. Ela é uma artista nata. Tudo que ela criava era bem feito. Ela era muito severa. Muito severa com os alunos, muito severa com os colegas. Mas muito competente. Quando eu soube que eu ia entrar no lugar dela, eu fui conversar com ela, para ver com ela se ela acreditava que eu tinha competência. Porque, quando eu cursei a disciplina dela, que era dança, eu gostava de dançar, mas eu não era da área da dança e ela me encaminhou para a dança. Até hoje eu gosto e danço e faço parte dessas coisas foi em função dela. E eu sempre fui uma aluna muito séria nas coisas, comprometida. Se eu estava fazendo a disciplina, eu chegava a fazer onze disciplinas por semestre. Teve um semestre que eu fiz quinze disciplinas e eu tinha que ser a melhor no que eu tava me propondo. Isso é uma coisa *muito minha, muito séria*. Eu tinha que ser a melhor. Não sei porque, mas talvez até pelo espírito competitivo de atleta, de desporto individual. Eu tinha que ser a melhor. Então eu me esforcei *muito* para fazer a disciplina dela. E eu tirei “A”. E ela quando deu esse “A”, antes de ela dizer esse “A” - porque ela dizia, era uma sessão final solene da disciplina - e ela fazia um discurso muito grande. Ela dizia, no primeiro dia, que “A” era ela e todos ou outros...

[FINAL DA FITA 79/01-A]

H.A. – Ela era realmente uma pessoa... Mas ela era com ela. E com os colegas de trabalho também. Não era só com os alunos. E ela fazia todo um discurso dizendo isso:

que o dez não podia ter nenhuma perda, porque senão não era dez era menos que dez e o dez era ela. Isso ela dizia no primeiro dia de aula. Quem sabe isso aí é um desafio. Eu fiz uma força daquelas. E quando ela terminou, ela fez um discurso que ela estava dando o *quarto* “A” da vida dela [silêncio]. Que era para mim. Eu tenho certeza que a Vera Brauner, a esposa do Mário³⁵, também, se não me engano, foi um “A” antes de mim. Mas, quer dizer, eram *raríssimos*. E ela me fez continuar dançando, gostar da dança e escolher que gênero de dança eu gostava, porque eu não sou muito da área do clássico. Eu gosto muito mais da área do moderno, da área do popular. Então eu depois muito tempo trabalhei com dança gaúcha, com folclore de projeção, eu trabalhei com a Dona Nilva³⁶, tudo pela mão da Morgada, porque ela realmente era exigente e fazia tu te tornar exigente. Mas eu tenho certeza que eu era assim também. Eu comprava isso. Porque, na minha turma de formandos, eu fui o primeiro lugar da turma. Eu tenho da universidade um diploma dizendo que, da minha turma de formandos, eu sou o primeiro lugar e minha média foi 9,8. A média do curso. Mas eu passei o curso assim, entende? Era parte de Helena isso. Não tinha. O curso era exigente, mas ele não obrigava a ser assim. Mas eu queria realmente ser assim. Na época tinha a tal da Lei Brossar que, todos os primeiros e segundos lugares de cada curso, era distinguido pela universidade. Eu nem sei se isso existe até hoje, acho que isso nem existe mais, e *todos* os primeiros e segundos lugares dos cursos recebiam uma menção porque eles tinham direito a reivindicar essa Lei Brossar que dava uma bolsa de pós-graduação. E eu teria direito a essa bolsa. E na verdade o envolvimento com a Associação foi muito mais como aluna do que como professora. Quando eu entrei no departamento eu tinha muito plano, no segundo semestre de departamento eu montei uma extensão em dança. Eu queria fazer as coisas. Eu enxergava a ESEF com a minha ótica de aluno. Sabia que empreender funcionava. Eu tinha um grupo de dança infantil no meu segundo semestre de curso como professora. E eu fiquei com esse projeto de extensão em dança, se não me engano, um ano, um ano e meio. Porque, logo depois, assumiu a direção o professor De Rose³⁷ e ele me convidou para ser chefe do Centro Olímpico.

L.D. – Que ainda era vinculado à Reitoria?

³⁵ Mário Roberto Generosi Brauner

³⁶ Nilva Pinto

H.A. – Que eles tinham recém conseguido desvincular da Reitoria e tornar ele da ESEF. E, ele se tornando da ESEF, tudo que havia no Centro Olímpico tinha que ser transformado. E o que havia no Centro Olímpico? Os projetos de extensão e natação que a gente tinha criado. Então eu assumi a direção do Centro Olímpico. O professor Peixinho foi para a Alemanha dar aula num curso de Colônia³⁸ como um professor convidado. Foram três professores na época: a Beth³⁹ que dava tênis, o carioca que trabalhou com voleibol e o peixinho que foi trabalhar com natação. Então eles ficaram seis meses, que na verdade acabaram em oito meses, dando aula no curso de educação física da Universidade de Colônia em convênio. E, como ele era o chefe do Centro Olímpico, o De Rose me convidou para chefiar o Centro Olímpico para fazer essa mudança. E eu transformei *todos* os projetos que haviam lá em cursos de extensão. Na época o Krueel começou a trabalhar. Criou-se a secretária de extensão e o Krueel era o secretário de extensão da ESEF e trouxe a Lucia do DSAI⁴⁰, a Lucia Rosito que, era assistente social, para auxiliar ele na secretária de extensão. Foi aí que começou a extensão como extensão. Só que ela já havia muito tempo antes.

L.D. – A semente já estava...

H.A. – Muito tempo antes. O professor Andreatta⁴¹ tinha um projeto de esgrima para crianças que a gente transformou em extensão. Esse trabalho todo da natação a gente transformou todo, *cada* segmento que se atendia foi um projeto de extensão. Então no fim eu me lembro que quando eu terminei de botar isso, eram dez projetos de extensão sob a minha responsabilidade. Era um absurdo. Não era possível. E eu fiquei, por muito tempo, com dez projetos de extensão. Até que foi se compensando. Quer dizer, a professora Jane Gonzalez⁴² ficou com o de deficientes, o Betinho⁴³ que era servidor, mas que tinha esse mesmo cargo de assuntos educacionais que a Lizette tinha na época. Aí a Lizette se aposentou e daí ele ficou com a área da natação para adultos e aprendizagem para jovens, porque tinha que alguém pegar as coisas. Não podia ficar tudo na mão de

³⁷ Eduardo Henrique De Rose

³⁸ Universidade de Colônia

³⁹ Elizabeth Teresinha D'andrea de Oliveira

⁴⁰ Nome sujeito a confirmação

⁴¹ Luiz Cláudio Guterres Andreatta

⁴² Jane da Silva Gonzalez

⁴³ Alberto Ramos Bischoff, conhecido como “betinho”

uma única pessoa. Ficava um poder muito grande. E, na época, a extensão quem gerenciava era quem tinha a extensão. Então a minha arrecadação mensal em dinheiro um *absurdo*. Era um completo absurdo. E eu distribuía essa arrecadação. Eu me lembro que a Rosalia⁴⁴ que era bibliotecária... Teve um Encontro Nacional de Bibliotecárias e ela foi para Belo Horizonte⁴⁵ e fui eu que paguei a passagem. Mas não era eu Helena, era eu extensão. Porque era um *mundo* de dinheiro e eu me lembro que vários outros precisavam e a minha rubrica então fazia as coisas acontecerem. Depois de todo esse problema que criou, ter essa dominância de dinheiro, o Krueel dominava uma parte do dinheiro, eu dominava a outra parte do dinheiro que era o grande dinheiro da ESEF, então se criou um fundão para que ninguém ficasse dono. O que é realmente um perigo e um risco muito grande. Porque tu pode fazer proveito.

L.D. – Que década foi isso mais ou menos?

H.A. – Década de 90.

L.D. – Administração do De Rose ainda?

H.A. – Administração do De Rose e o Cassel no departamento.

L.D. – E quando começou a ficar com essa configuração mais próxima da configuração atual?

H.A. – Foi quando se unificou os departamentos. [pergunta para outra pessoa que está por perto] Foi julho de 2001. A configuração que tu enxerga hoje de ESEF foi a partir de julho de 2001 quando se extinguiu o Departamento de Ginástica e Recreação e se tornou o Departamento de Educação Física com *todos* os professores vinculados a ESEF sob a responsabilidade do chefe do Departamento de Educação Física. Quer dizer, que, na verdade, entre 1999 e 2001 foi que aconteceu a grande mudança. Ou seja, o gerenciamento de verbas sair, por exemplo, eu não tinha, não havia na época

⁴⁴ Rosalia Pomar Camargo

⁴⁵ Capital do Estado de Minas Gerais

FAUFRGS⁴⁶. Todo dinheiro que eu recolhia via FUNDATEC⁴⁷, que era uma outra fundação, vinculada a faculdade de engenharia. Como eu te disse, meu pai trabalhava na engenharia e na arquitetura, ele já era falecido há muito tempo, mas os colegas de trabalho eram pessoas que eu conhecia. Então o [palavra inaudível] que era um ex-colega dele era o diretor da FUNDATEC. Então para mim era mais fácil lidar com uma pessoa que eu conhecesse porque era uma rubrica imensa de dinheiro. Para uma jovem professora que precisava entender toda essa parafernália que é manter um curso.

L.D. – E um momento que te marcou como aluna ou um fato e um momento que te marcou como professora?

H.A. – Um grande momento que me marcou como aluna foi esse JUB's em 1978 em Santa Maria. Porque nós preparamos as equipes muito bem e eu era chefe da delegação feminina, eu era a responsável por todas as mulheres que tinham saído de Porto Alegre pela UFRGS. Nós fizemos um excelente trabalho, o professor João Guilherme Souza Queiroga era o presidente do Diretório Acadêmico e hoje é o presidente dessa fundação de esporte universitário [silêncio] da FUGE⁴⁸. Ele sempre gostou deste tipo de cargo e eu era a vice-presidente do Diretório Acadêmico Paulo Hollerbach. Quando eu entrei aqui eles chamavam de Diretório Acadêmico da Educação Física e eu disse: “Não! Esse diretório acadêmico tem nome. É Diretório Acadêmico Paulo Hollerbach. Ele é DAPH, não é DAEFI”. Porque eles chamavam de DAEFI e não era, nunca foi DAEFI. Quer dizer, perdeu-se a memória nesse meio tempo. E esse JUB's de 1978, esse professor Cassel que depois foi meu colega, mas tinha sido meu professor, era o presidente da FUG, era quem organizava os jogos. E o critério para o JUB's, o que nós tínhamos como documento de critério, era que havia um campeão geral e um campeão por modalidade, e o campeão geral era o número de modalidades vencidas, por naipes. Estava escrito no regulamento. Só que, por este regulamento, a UFRGS ganhava. E, como Santa Maria estava sediando, mudou-se o regulamento no último dia dos jogos. E fez-se critério por medalhas, que nós tínhamos *bons*, excelentes equipes de esportes coletivos, mas nós tínhamos *boas* equipes de esporte individual, principalmente no atletismo. Professor Cassel é o professor de atletismo. E Santa Maria nos ganhava se fosse por medalhas. Por

⁴⁶ Fundação de Apoio à Universidade Federal do Rio Grande do Sul

⁴⁷ Fundação Universidade Empresa de Tecnologia e Ciência

uma medalha. Então eles mudaram o critério e anunciaram na hora da entrega, no último dia. E o João Guilherme Queiroga me olhou - ele é um homem muito grande porque deve ter uns dois metros de altura e mais ou menos uns duzentos quilos - ele me olhou e disse: “Eu não acredito. Não vou poder engolir essa aí. Vamos quebrar tudo! Nós vamos ficar furioso”. Eu digo: “Não! Nós não vamos receber”. E ele: “Mas nós temos a obrigação de receber. Nós somos a entidade, nós temos que receber”. “Então vamos receber, vamos emborcar e vamos embora. Isso não serve”. E na época fui eu que disse isso. Porque eles queriam fazer algazarra e algazarra eu tinha muito medo porque nossa equipe de futebol de salão era muito agressiva e eu tinha medo do que podia acontecer. Nós tivemos bastantes problemas com eles nesses jogos. Então nós recebemos todos os troféus sentados no chão todos e, na hora que nomearam o campeão geral Santa Maria, nós emborcamos os troféus no ginásio de Santa Maria e saímos caminhando e fomos embora. Então imagina a vergonha que isso foi para o professor Cassel que era nosso professor e que era o presidente da FUGE e que estava organizando aqueles jogos. E ele veio muito bravo e pediu uma reunião de congregação que queria nossa suspensão. Se nós formos até lá o arquivo morto eu acho essa ata. E foi muito pesado. Nós não tínhamos nada. Nós não fomos chamados para essa reunião, nós não brigamos com ninguém, nós simplesmente emborcamos as taças e fomos embora. Porque era nosso direito, estava errado. Mas também se a gente tivesse feito qualquer agressão a gente teria sido punido. Mas nós não fomos punidos porque nós não fizemos. Mas é muito pesado isso. E de lá para cá, olha, eu já passei outros tanto nessa universidade pesadas assim. Mas foi bem feito. Acho que como alunos nós crescemos muito ali. Porque a gente tinha que tomar uma atitude para que saísse todo mundo menos revoltado. Saiu todo mundo feliz. Os dois ônibus da UFRGS que vieram embora vieram festejando o feito de nós termos sentado. Só. A gente tinha um canto muito forte, uma música que se cantava muito forte e a gente saiu cantando essa música.

L.D. – Como que era?

H.A. – Deixa eu pensar: “O abre alas que eu quero passar, azul e branco é sinal de guerra, a UFRGS chega e estremece a terra” [entrevistada cantarolando]. E a gente batia forte os pés no chão. Então nós saímos do ginásio cantando. Imagina dois ônibus, cem

⁴⁸ Federação Universitária Gaúcha de Esportes

peessoas, cantando isso e deixando para trás tudo que nós tínhamos ganho. Foi muito pesado para quem teve que engolir isso [riso], mas foi um gesto político importante eu acho, que a gente não foi punido, apesar de eles terem tentado, e acho que foi um gesto político importante. Hoje a filha do professor Cassel é nossa aluna. E ele é muito meu amigo [riso]. Mas eu acho que foi um amadurecimento importante. Tu deixar de ser aluna e passar a ser dirigente. Uma coisa importante. Tinha que te impor. E a única maneira que a gente podia se impor era virando as costas.

L.D. – E como professora?

H.A. – Como professora, eu acho, que foi quando o Gustavo Vicco⁴⁹ se formou. Eu fui professora de natação. A partir dos dezessete anos, eu já dava aula de natação na escola do meu ex-treinador, Mauri Fonseca. Quando ele montou a escola infantil de natação, ele levou para trabalhar com ele as atletas dele. E eu trabalhava com pequenos lá. E a minha primeira turma tinha um monte de pequeninhos, bem pequeninhos, sempre trabalhei com bem pequenos, e eu me lembro que eles mal andavam. E tinha os dois filhos da Ivete Vandalise⁵⁰, tinha um monte de gente conhecida, a filha do Mauri Fonseca e, dentre elas, eu me lembrava de nome de muitas. E quando eu estava na ESEF trabalhando com bebês na água etc, eu estava fazendo meu mestrado, veio um rapaz trabalhar comigo com terceira idade, mas eu estava fazendo o mestrado, então eu ficava pouco. Eu só trabalhava com a terceira idade na água e ficava pouco. Ficava muito tomado o meu tempo. E ele ficou por ali, ele trabalhou junto com os dois bolsistas que eu tinha, com a Viviane⁵¹ e com o Guinter⁵² e o nome desse rapaz era Gustavo. E, no semestre seguinte, ele se formou e me mandou o convite de formatura, muito carinhoso, e eu gosto muito de formatura porque eu acho que é um momento importante para quem se forma e eu sempre vou. E eu fui a formatura e me sentei bem lá na frente para ver a formatura daquela turma que eu conhecia alguns, à convite desse rapaz. Que na verdade eu conhecia bem pouco. E, quando ele foi falar naquele momento dele, ele diz que gostaria de agradecer à primeira professora. E continuou falando. E disse que a primeira professora era a pessoa que tinha trabalhado tão bem com ele que tinha deixado raízes

⁴⁹ Nome sujeito a confirmação

⁵⁰ Nome sujeito a confirmação

⁵¹ Nome sujeito a confirmação

⁵² Nome sujeito a confirmação

na alma dele para que ele gostasse da educação física, apesar de ter apenas dois anos de idade. E ele continuou o discurso nesse nível. E aí ele disse: “Agora eu peço que aplaudam a minha primeira professora”. E aí uma pessoa, ali na Reitoria da UFRGS, uma senhora de cabelo curto, se levantou com uma rosa branca na mão e batia palmas olhando para mim. O Gustavo Vicco tinha sido meu aluno lá naquela turma do Mauri. E eu não lembrava dele porque eu vi ele com vinte e dois anos, mas, quando a mãe levantou - eu quando conto fico toda arrepiada – eu olhei para cara dela e eu sabia quem era ela. E a primeira professora era eu. É um susto danado porque eu não estava esperando. Ele nunca me contou que ele me reconhecia e eu vivi pouco com ele adulto. E ele é professor de natação. Ele trabalha no Clube do Comércio⁵³ com natação infantil. Eu quase morri porque foi um susto. As coisas para mim tem que ser mais ou menos esperadas. Eu estudo as coisas, eu me preparo para elas [riso]. E essa foi um susto muito grande. Muito grande e muito bonito. Digamos que, duas horas depois, é que foi cair toda a ficha da sensação porque eu fiquei muito tensa. Porque... Talvez muito mais do que ele, aquela mãe que quisesse me homenagear e foi muito bacana. Quem trabalha com bebês na água, como eu, sabe que, a pessoa que cuida daquele bebê, ela fica eternamente grata a ti por tu ter trabalhado bem com aquela criança frágil. E a gente não tem essa dimensão, a não ser quando acontece uma coisa dessas. Acho que como professora essa foi a parte mais importante, não tem nada a ver porque não foi meu aluno aqui dentro. Mas ele soube esperar o tempo de me dar o susto da homenagem. Foi *bem* importante. Foi muito bacana. Foi mesmo.

L.D. – Queria agradecer a entrevista. Demorou, mas aconteceu [risos].

H.A. – Imagina. Foi um prazer.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

⁵³ Club do Comércio de Porto Alegre, fundado em 07 de junho de 1896.